



As características das paisagens e sua importância para a preservação ambiental na Ilha de Terra Nova em Careiro da Várzea – Amazonas

Ane Karoline Rosas Brito¹, Carlos Augusto da Silva^{2*} e Therezinha de Jesus Pinto Fraxe²

¹Instituto Acariquara, Manaus, Amazonas, Brasil. ²Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200, 69067-005, Manaus, Amazonas, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: casilva@ufam.edu.br

RESUMO. A Amazônia abriga sistemas moldados pela interação entre fatores naturais e a influência humana, ou seja, promovidos pelos meios físico e antrópico. No físico, a vasta bacia hidrográfica desempenha um papel crucial, potencialmente abrigando milhares de espécies de peixes e árvores, tornando-se um motor vital que conecta e impulsiona o ecossistema em que os rios desempenham um papel fundamental nas interações que permeiam todo o território. Por outro lado, do ponto de vista antrópico, destacam-se as marcas deixadas pelos povos ao longo de milênios, evidentes em toda a região amazônica. Este artigo pretende demonstrar que as paisagens amazônicas não são apenas cenários naturais, mas verdadeiros monumentos culturais e naturais erigidos por comunidades ancestrais e contemporâneas. Estas paisagens são intrinsecamente reguladas pela sazonalidade dos rios Amazonas-Solimões e Negro. O objetivo central é caracterizar a importância dessas paisagens como elementos fundamentais para o equilíbrio ambiental na região. O percurso metodológico traçado consistiu na revisão da literatura que aborda a função das paisagens. Além disso, a pesquisa de campo permitiu identificar quatro possíveis morfologias distintas das paisagens, cada uma com suas peculiaridades, todas reguladas pela sazonalidade. Nossa conclusão destaca a relevância dos experimentos com eventos sazonais como parte dos estudos fundamentais para a preservação e manutenção do ambiente na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea, Amazonas.

Palavras-chaves: paisagens; pescadores; agricultores; preservação.

The characteristics of the landscapes and the importance for environmental preservation on the Island of Terra Nova in Careiro da Várzea – Amazonas

ABSTRACT. The Amazon has in its interior projected systems promoted by the physical and anthropic environment. Physically, there is the extensive hydrographic basin, which perhaps determines the existence of thousands of species of fish, of trees; finally, the basin is an engine that moves the system and makes the connections, in which the rivers are responsible for the interactions throughout the territory. Already in the anthropic, peoples for millennia left their possible fingerprints throughout the Amazonian environment. This article intends to demonstrate that landscapes are natural and cultural monuments erected by ancestral and contemporary peoples, which are regulated by the seasonality of the Amazon-Solimões and Negro river. The objective was to characterize the importance of landscapes for the balance of the environment. The methodological path that was traced was to survey the literature that discusses the role of landscapes; and, with the field part, it was possible to perceive four possible morphologies of the landscapes – each with its particularities, whose regulator is seasonality. The conclusion is that the experiments that occur seasonally by fishermen and family farmers are important studies for the maintenance and preservation of the environment on Terra Nova Island, in Careiro da Várzea, in Amazonas.

Keywords: landscapes; fishermen; farmers; preservation.

Received on July 30, 2023.
Accepted on September 26, 2023.

Introdução

A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal (Machado de Assis, 1994, p. 128).

A Amazônia pode ser considerada um grande labirinto em que as vidas se entrelaçam, e novas vidas surgem a partir desses entrelaçamentos, conforme expressa a citação machadiana supracitada. Nessa imensa região

os povos e os animais que circulam estão, a cada momento, num processo de luta nos labirintos da vida. Autores como Alberto Rangel, Alexandre von Humboldt, Eduardo Neves (2001), em *'Velha Hileia'*, descrevem a região como sendo magnífica; já outros, como Betty Meggers (1987), enxergam esse ambiente como sendo um 'inferno verde', em obras como *'Amazônia, a Ilusão de um Paraíso'*. Todos os adjetivos com os quais se rotula a região refletem puros olhares das paisagens a partir da íris desses autores, o que constitui puras invenções na acepção de Gondim (2007).

Os ecossistemas Ab'Saber (2003, 2008) compostos nos imensos labirintos que há na região são flautas que nem todo músico consegue manusear. Diz-se isso porque os labirintos são tão desconhecidos que é impossível representá-los em uma única tela do imaginário do artista, pois os rios são um imenso conjunto de orquestras que a cada período de seca ou de cheia transformam os coloridos das paisagens. Por exemplo, em áreas de várzeas, normalmente os agricultores familiares costumam cultivar uma série de plantas como batata, feijão etc., em pequenas áreas; e, quando tem início a subida das águas, essas pequenas áreas ficam submersas e se transformam em ambientes de pescarias, já que os agricultores continuam interagindo com a paisagem, dessa vez utilizando a canoa para realizar a 'caminhada' nos labirintos da vida, de acordo com Tocantins (2000). Ele também sustenta que os rios são como um organismo que leva e traz vidas na Amazônia.

E, à medida que a água vai inundando o igapó, as sementes de diversas espécies de árvores vão sendo carregadas pelos banzeiros produzidos pelos ventos ou pelos barcos que descem e sobem os rios. Em relação à Ilha de Terra Nova, como seu nome sugere, a primeira percepção que se pode ter é que tudo pode ser novo, pois a terra, a floresta e até a água podem ser consideradas novas. Mas na verdade tanto o velho quanto o novo são os ecossistemas que a cada época do ano se restabelecem, pois a vegetação é como um tapete cujas cores modificam o ambiente a cada período do ano. Nessa esteira as paisagens foram e são organismos que concentram elementos de propulsão de vidas na Ilha de Terra.

Mas o que seria uma paisagem? Segundo Albuquerque e Medeiros (2012), esse conceito depende do olhar de cada expectador. Por exemplo, uma revoada de pássaros ao cair da tarde pode ser considerada uma paisagem, visto que o pescador pode até dizer que esses pássaros estão indo em busca de alimentos no lago do Rei ou do Miracouera etc, salientando assim, o panorama de paisagem:

O poeta popular tem sua própria visão do que seja a paisagem. A paisagem (do) interior, no caso de Jessier Quirino. A abordagem etnocientífica, por sua vez, valendo-se de pressupostos antropológicos, leva-nos a um questionamento: o interior é aqui? [...]; é o ambiente onde vivem os grupos sociais [...] (Albuquerque, Alves, & Araújo, 2007, p. 7).

No trecho extraído do livro *Povos e paisagens* (Albuquerque et al., 2007) há, na verdade, diversas vozes refletidas que estão presentes no interior da Ilha de Terra Nova, onde os labirintos que talvez componham os conjuntos de paisagens são puras fotografias moldadas por artífices humanos, animais e também naturais. As figuras 1 e 2 são cenários do objeto de indagação na Ilha de Terra Nova, a qual está nos abraços dos dois maiores rios de águas de cores de sucos bacaba (Amazonas-Solimões) e de açai (Negro).

As figuras 1 e 2 mostram complexos de paisagens nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro.



Figura 1. Paisagens constituídas pelas pressões de águas dos Rios Amazonas e Negro; e ao fundo os navios fundeados. Esses movimentos das águas ocorrem entre os meses de abril e maio; geralmente os cardumes percorrem no sentido leste-oeste do rio, ou vice-versa (Acervo do autor, 2021).



Figura 2. Conjuntos de embaúbas (*Cecropia*), seringueiras (*Hevea brasilienses*) e outras espécies que contemplam as paisagens nas comunidades de São José e São Francisco, na Ilha de Careiro da Várzea – Amazonas (Acervo do autor, 2021).

Característica do ambiente na Ilha de Terra Nova

Viver na Amazônia evoca uma variedade de descrições que podem ser apontadas por diversos adjetivos, uma vez que as experiências de quem vive em áreas urbanas diferem significativamente daquelas dos habitantes das regiões mais remotas do Estado do Amazonas. Essas disparidades abrangem as características distintas percebidas em cada residente do ambiente. Por exemplo, aqueles que residem em áreas urbanas buscam oportunidades de emprego no setor formal ou informal. Aqueles empregados formalmente possuem registros em carteira de trabalho e salários garantidos. Em contraste, aqueles que atuam na informalidade dependem dos recursos adquiridos semanal ou mensalmente para atender às necessidades das suas famílias, abrangendo alimentação, transporte, educação e saúde.

Por sua vez, os trabalhadores do interior ou do campo têm uma vida de possibilidades, pois vivem do que buscam no rio, na floresta e nas praias (em época de seca do rio), ou seja, parecem bem mais livres, já que não têm aquela obrigação com o horário do trabalho, à medida que quando o pescador sai para pescar, por exemplo, tem em seu planejamento o horário de saída, mas a volta depende muito do que consegue: o retorno pode ser ao fim da tarde ou ao anoitecer. E, quando sai da área de pescaria (lago) ou do roçado, veem à sua cabeça letras de músicas que estão em seus repertórios, assim, esse trabalhador parece um ser social longe de sofrer com o *stress* que assola quem trabalha em áreas urbanas.

Notamos essas características durante o curso de graduação em turismo, quando são realizadas visitas a comunidades: elas são alegres, divertidas e comunicativas, ou seja, utilizam a pedagogia da comunicação por meio de suas atitudes. Também essas percepções vêm das viagens de campo aos municípios de Manacapuru, Maués, Novo Airão, Careiro da Várzea e Urucurituba, visitas lideradas pelo NUSEC (Núcleo de Socioeconomia-FCA-Ufam) e pelo Laboratório Socioambiental da Ufam.

Os ambientes urbanos e interioranos são, na verdade, paisagens que podem ser exploradas no campo do turismo, pois cada ambiente tem os adjetivos que podem ser concebidos como elementos de distração ou de diversão social. Este artigo segue a trajetória da importância da paisagem para a preservação ambiental na Ilha, tendo sido dividido em cinco seções: a primeira traz uma panorâmica das características das paisagens; a segunda, a área de pesquisa; a terceira discrimina o material e método; a quarta apresenta o resultado e as discussões; e por fim as apresentamos as nossas considerações finais.

Panorâmica das paisagens

Na Ilha de Terra Nova a panorâmica das paisagens se estabelece a partir do momento em que as águas sobem ou descem, daí o fato de se utilizarem as expressões ‘subida e descida do rio’, que são os termos usados pelos comunitários de São José e São Francisco.

A comunidade de São José é a primeira, alocada logo no início da Ilha, ou seja, nos abraços dos rios Solimões-Amazonas e Negro.

As paisagens permeiam todo o cenário da comunidade, abrangendo desde as áreas de pesca e coleta de frutas até outras atividades dos membros locais. Em seguida, surgem os conjuntos habitacionais, moldados

pelo comportamento adaptado às variações do nível das águas: algumas residências possuem estacas elevadas (residências ‘pernas de pau’) projetando-se a cerca de dois a três metros do solo, enquanto outras apresentam estruturas de concreto armado.

Já na comunidade de São Francisco, que está paralela à margem do rio, observamos que há uma cerca viva de diversas espécies de vegetais que faz uma espécie de barreira entre a rua, as residências e o rio. Essa estratégia funciona como um muro de forma que, na subida das águas, impede que o capim que se desprende com a força da correnteza do rio invada as residências, o que será explanado com maior objetividade na próxima seção. As figuras 3 e 4 ilustram as habilidades e as competências de como viver em certa sinfonia com a terra e a floresta no ambiente das águas, nos abraços dos rios (Amazonas-Solimões e Negro).

Figuras 3 e 4, atividade de modelar paisagens para a contemplação social.



Figura 3. Aplique de urna funerária, exemplo da arte do modo de vida da Amazônia Pré-colombiana (Kelly, 2021).



Figura 4. Área de cultivos na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM (Kelly, 2021a).

As Figuras 3 e 4 estão na matéria ‘*Terra Preta de Índio: o legado de agricultura sustentável da Amazônia*’, publicada por Mônica Prestes em 2019. Na verdade, na Ilha de Terra Nova os registros arqueológicos acusam que a ocupação humana é de ‘dois mil anos’ Stenrberg (1998). E, ao longo desses milênios, a região foi modificada por meio de manejo, com o qual se construíram pacotes de solos férteis que hoje são utilizados pelos agricultores que utilizam os ambientes para a produção de diversas hortaliças, como é possível observar na Figura 4.

As áreas de cultivos com formação de terras pretas sofreram alterações advindas de possíveis forças de trabalho de mulheres e homens nos abraços dos rios, antes da efetivação do processo colonial português. Segundo Neves (2001) a formação do solo negro fértil teria sido fruto de um procedimento de divisão social. A Amazônia era repleta de ocupações humanas que transformaram, melhoraram e domesticaram as paisagens Arroyo-Kalin (2010). O melhoramento e as domesticações de plantas estavam atrelados aos procedimentos de manejos, ou seja, à medida que o processo demográfico cresceu, houve a necessidade de novos cultivos. Assim, as áreas em torno das malocas ou as de roçados foram incorporadas a novas passagens produzidas por meio de sementes transportadas tanto do ambiente de várzea quanto de terra firme, ou seja, os povos eram exímios transformadores de ambientes florestados em áreas alagáveis ou não.

Essas são as percepções possíveis de serem verificadas em assentamentos pré-colombianos, em que há diversidades de espécies frutíferas, além da presença de fragmentos cerâmicos e líticos nas superfícies desses

assentamentos. Na acepção de Arroyo-Kalin (2010), as paisagens são constituídas a partir de interações, tanto no ato de abertura de uma roça quanto em outras ações que envolvam a intervenção no ambiente. Nessa linha de conjectura, as paisagens em sítios arqueológicos na Ilha são as possíveis histórias das digitais dos povos pretéritos e dos atuais em conjunto com o meio físico, os quais vêm mantendo e constituindo outras paisagens, que serão abordadas na sequência, mas antes se descreve-se área de pesquisa.

A área de estudo

A escolha para realizar a pesquisa está propositalmente ligada às confluências dos maiores rios de águas brancas e negras na Bacia Amazônica, assim uma das primeiras paisagens é constituída pelos abraços das águas dos rios, que são visivelmente magistrais. E também está ligada ao fato de haver uma tradição de pesquisa na Ilha, liderada por vários ramos da ciência, inclusive um ramo da música, em que a pesquisadora fez um levantamento dos músicos autodidatas que brilhavam nas festas do local, que foi Rebeca Maciel Silva (2018).

Nossa pesquisa se propõe a investigar as funções das paisagens pois é sabido que uma paisagem pode até representar características ou governabilidade dos povos da Ilha, Resende, tanto no passado quanto no presente, pois nas paisagens há possíveis interferências de longos períodos. Na Figura 5 está a representatividade do homem do campo da Ilha de Terra Nova, na qual essa representação entrelaça o campo, os povos e as paisagens mas, no tocante ao campo social, pode estar associada ao pensamento de Milton Santos (2011), que caracteriza o homem do campo brasileiro como sendo, de certa forma, invisível no que diz respeito aos direitos sociais e ambientais.

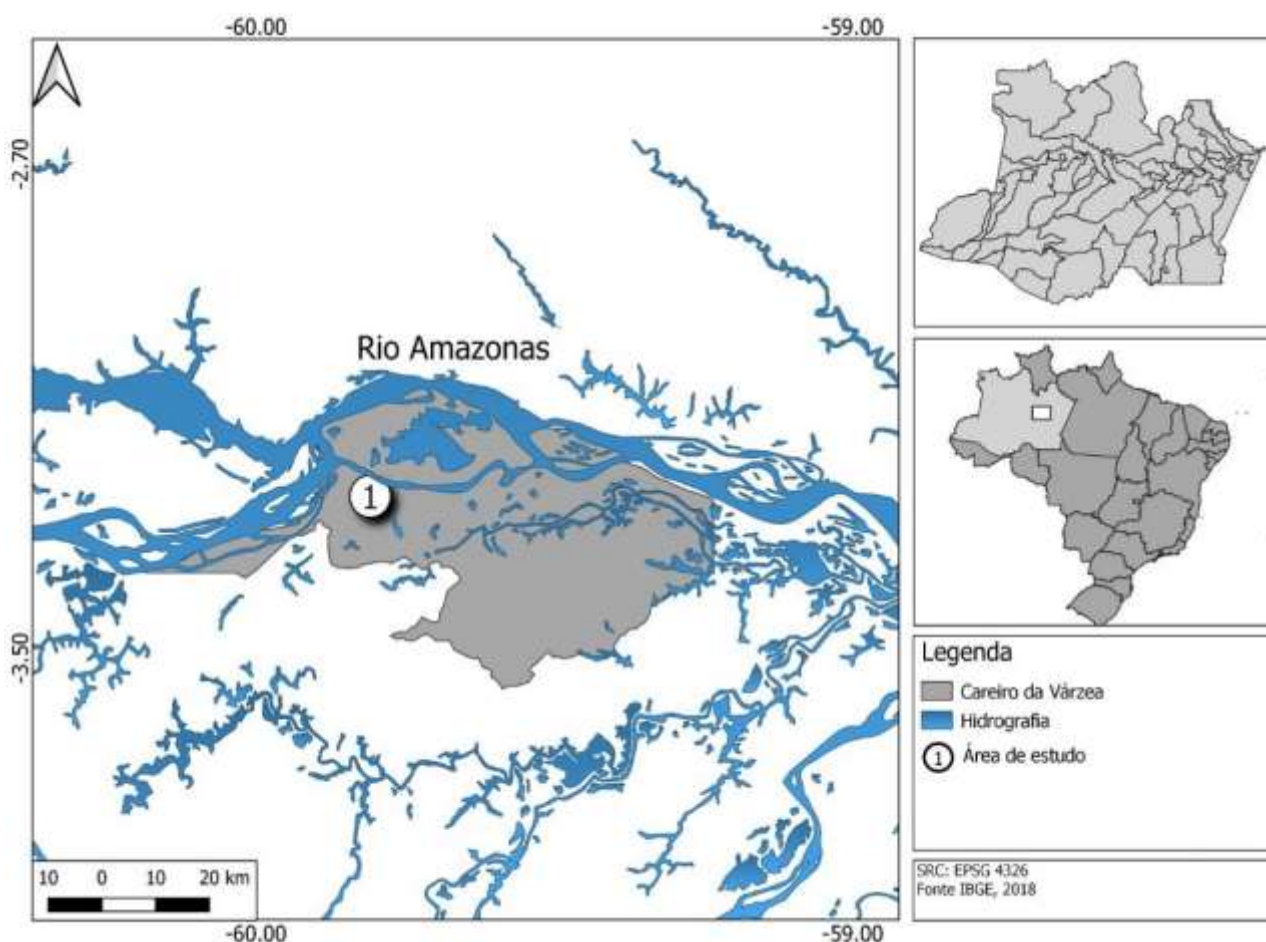


Figura 5. A complexa paisagem da Ilha de Terra Nova (Brito, 2022, p. 22).

Para o deslocamento para a área de pesquisa só havia uma possibilidade: a via hidroviária, haja vista que a Ilha está literalmente circunscrita de cercamento de água. Assim, para se chegar à área de pesquisa utilizamos os serviços dos canoeiros que ficam sediados no terminal de embarque e desembarque de veículos, na BR-319. Geralmente, dependendo do número de passageiros e da potência do motor, para chegar à comunidade de São

Francisco, que está na costa da Terra Nova, o intervalo é de cerca de 20 a 30 minutos. Já para chegar à cidade de Careiro da Várzea, o tempo varia entre 40 a 50 minutos. Nesses lugares foram realizados os inventários das paisagens pré-colombianas e contemporâneas da Ilha de Terra Nova.

Material e método

Foram coletados dados em campo, nas estações de cheia e de seca da Ilha. No período de seca, realizou-se caminhamento nas áreas em que é praticado o processo de cultivo de hortaliças, roçados de manivas etc. Normalmente, seguem-se as trilhas dos agricultores familiares e dos pescadores e pescadoras. Já na cheia fez-se o reconhecimento das áreas de cultivos e de pesca utilizando a canoa de madeira de três metros. Para os registros das paisagens, utilizou-se câmera digital e GPS. Tal metodologia se ajusta às palavras de Goldenberg (2004, p. 13): “A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”. Então, as palavras são importantes para o norte da pesquisa. Nesse sentido, os métodos vislumbrados foram o etnoconhecimento e a etnografia.

O etnoconhecimento geralmente é uma ferramenta dos pesquisadores da área da biologia, que em campo utilizam estratégias para compreender e até para participar de atividades produtivas ou culturais de comunidades em áreas rurais, ou seja, o método de buscar, de explorar os saberes que são constituídos pelo cotidiano familiar (Albuquerque e Medeiros, 2012). No *Manual de Etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas*, Cabalzar, Fonseca-Kruel, Martins, Milliken e Nesbitt, (2017) fazem uma conexão bastante plausível quando fundamentam as interações das estruturas de ações naturais e antrópicas, em que são descritos os saberes e os prazeres dos povos do Alto Rio Negro; no que tange aos saberes em relação aos diálogos entre a natureza e os povos, consideram que os ecossistemas são organismos bibliotecários no anfiteatro do tempo, conforme o relato:

Os próprios povos indígenas e as comunidades locais estão reconhecendo a importância dos jardins botânicos e museus como lugares de preservação de conhecimentos sobre o meio ambiente e sobre a cultura destes povos, podendo também ser instituições parceiras nas iniciativas de fortalecimento de seus conhecimentos. Nesse sentido, os povos indígenas e as comunidades locais estão se interessando pela formação de novas coleções de plantas e artefatos, com outros sentidos e significados, e criando também seus próprios museus e jardins com vistas a preservar seus conhecimentos e gerar ações em prol da conservação do entorno onde vivem. Ao mesmo tempo, os jardins botânicos e museus estão empenhados cada vez mais em realizar pesquisa com, e não mais pesquisa sobre, os grupos locais (Cabalzar et al., 2017, p. 15).

Desse modo, o diálogo científico e o etnoconhecimento são conexões importantes para caminhar em paisagens que foram tecidas ao longo de milênios por ações da natureza ou por meio de ações de saberes coletivos contemporâneos, que são aprendidos por meio de ações associativas entre o passado e presente, como ilustrado pelas Figuras 6 e 7, que projetam os saberes artísticos e culturais.

Figuras 6 e 7, projeções de estruturas do etnoconhecimento.



Figura 6. Plataforma tecida para a captura de peixes, denominada pelos pescadores e pelos comunitários do Alto Rio Negro de ‘cacori’ (Acervo do autor, 2020).



Figura 7. Instrumento confeccionado em rocha para a produção de ferramentas líticas pelos povos da Amazônia pré-colombiana (Acervo do autor, 2020).

Já a etnografia está ligada às ciências sociais, cuja função é descrever, por meio de observação, o modo de vida e o cultural de certa comunidade rural. Assim, nas ciências ambientais, segundo Morin (2010), deve-se observar o todo e as partes de determinado núcleo social e cultural. Desse modo, os dois métodos serão utilizados no sentido de responder ao problema de pesquisa, em que se busca investigar as funções das paisagens pré-colombianas e contemporâneas da Ilha da Terra Nova. A pesquisa é de cunho exploratório utilizando as ferramentas quantitativa e qualitativa.

Do inventário paisagístico

No sentido de buscar explicações para a pluralidade de manejo do ambiente, optou-se por consultar quatro pescadores e agricultores, sendo dois do gênero masculino e dois do feminino. A abordagem ocorreu em quatro sessões. A primeira se deu no período de início de descida das águas, entre o fim do mês de julho e início de agosto, quando esses comunitários se organizam para fazer os procedimentos de limpeza do terreno, época em que os fragmentos de vegetação em processo de decomposição são reunidos e despejados paralelamente à área onde serão introduzidas as sementes de milho, feijão, melancia, maxixe, maniva, jerimum, melão etc.; a segunda ocorreu no mês de dezembro, quando eles começam a realizar as colheitas dos produtos cultivados e a fazer pequenas limpezas, com a remoção de capins entre as leiras; a terceira foi nos meses de fevereiro e março, quando esses grupos retiram toda a produção e fazem a estocagem de reservas de sementes –no que tange às hastes de maniva (mandioca), entre os diversos produtos, a farinha é mais consumida –, e algumas seleções de sementes são armazenadas em pequenos recipientes; a quarta ocorreu no mês de abril, quando as águas já haviam alagado toda a área de cultivo e de igapó. As Figuras 8 e 9 mostram possíveis métodos experimentais planejados e organizados pelos gêneros masculino e feminino e seus saberes, pois, no tempo da seca do rio, as paisagens servem para produzir alimentos; e, na época da cheia, servem para a pescaria. Figuras 8 e 9 mostram possíveis experimentos sazonalmente realizados pelos gêneros masculino e feminino na Ilha de Terra Nova.



Figura 8. Paisagens compostas de capins e árvores típicas de áreas de igapós com nomes populares: munguba, tachi, marimari, paracutaco, socoró, taquari, bacuri, embaúba. Os frutos e as sementes no período em que o igapó fica submerso são alimentos de algumas espécies de peixes (Acervo do autor, 2021).



Figura 9. Paisagem adaptada para a produção de hortaliças, legumes; ao fundo, a floresta de igapó, enriquecida pelos acúmulos de capins despejados pelos gêneros masculino e feminino durante o processo de limpeza para erguer as leiras no solo. Quando inicia a cheia, a correnteza de água desorganiza as leiras (Acervo do autor, 2021).

Essas estruturas utilizadas pelos pescadores, agricultores e criadores de animais são estratégias produzidas sazonalmente para a manutenção do ambiente; por exemplo, no período da subida das águas é planejada uma plataforma flutuante que eles classificam como ‘maromba’ – é a estrutura tecida com profunda habilidade para manterem as criações de alguns exemplares de bovino, caprino, suíno e outros, durante o pico de cheia do rio. O capim para alimentar bovino e caprino é coletado nos lagos.

Os pescadores e os agricultores se deslocam em pequenas canoas para o corte do capim, o que geralmente ocorre ao amanhecer. Ao chegarem com o capim, este é despejado no interior da maromba ou em seu entorno. Já os demais animais recebem alimentos produzidos durante a seca do rio. Assim, os gêneros masculino e feminino são lentes microscópicas dos laboratórios do tempo e do espaço no ambiente das águas. Dessa maneira, identificaram-se quatro possíveis características de paisagens, que são estas:

a) paisagens possivelmente produzidas por ações físicas, onde o capim se desprende do solo durante a cheia do rio; e, quando começa a baixar o nível das águas, os capins ficam sobre as ramas das árvores, paralelamente aos roçados dos pescadores e dos agricultores, áreas chamadas de ‘casolas’, nas quais são realizadas as pescarias em que se capturam peixes como pacu (*Metynnis lippincottianus*), sardinha (*Triportheus elongatus*), aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum*); é também literalmente o lugar de reprodução de camarão.

b) paisagens erguidas por meio de cercas vivas, em que a munguba (*Pachira aquatica Aublet*) (Alencar (2020) é cultivada perfilada em torno das residências para evitar que, durante a cheia do rio, árvores flutuando e capins se aproximem das residências; são os canteiros de hortas suspensas, ou seja, funcionam como barreiras protetivas ecológicas.

c) paisagens de igapós alagados quando os mururus-estrelinha (*Azolla caroliniana Willd*) produzem cenários como se fossem tapetes de cores verdes e róseo-amarelados na superfície da água, o que geralmente ocorre no fim do mês de março.

d) Paisagens construídas pelos povos, como são os estratos de solo de terra preta, utilizados por pescadores e agricultores, de modo que no período da seca do rio são cultivadas as hortaliças; já na subida das águas tornam-se áreas de pescarias e de coleta de sementes.

Resultados e discussões

A Ilha de Terra Nova, por sua própria semântica, é designada como ‘nova’ ou ‘velha’? Talvez ‘nova’ seja devido à sua formação física, uma vez que a cada estação de cheia e seca do rio ela passa por um processo constante de renovação. Isso ocorre porque o solo é literalmente submerso e renovado pelos depósitos de húmus que se acumulam na superfície, resultando em poucas alterações no nível do terreno, devido à abundância de árvores que compõem o cenário de paisagens de igapós. As quantidades de folhas depositadas durante as estações secas ficam parcialmente enterradas, possivelmente contribuindo para a percepção de estar ‘nova’. Por outro lado, a designação ‘velha’ ou antiga pode estar relacionada ao manejo e às interações realizadas pelos povos ao longo de milênios, que têm deixado suas histórias de vida impressas na ilha. Esses

adjetivos podem ser atribuídos à temporalidade dos povos contemporâneos, que preservam as características das paisagens e as utilizam como um banco genético.

As comunidades de São José e São Francisco, sediadas no distrito de Terra Nova, têm inúmeras famílias – todas com demandas sociais e culturais. No entanto, no universo da pesquisa, buscou-se identificar os gêneros que mais realizam atividades polivalentes. Nesse cenário, foram identificados quatro atores com amplas dinâmicas de convivência nesse universo das águas.

Quanto aos dois do sexo masculino, o primeiro tem 60 anos; o segundo, 28 anos. O mais velho atesta que realiza essas práticas produtivas há cerca de 55 anos, com seu pai, ou seja, sua memória acusa momentos de história de vida, quando o saber foi liderado e executado por meio de assimilação reproduzida a partir do seu genitor. Porém manifesta que sempre fez as atividades produtivas com maior garbo e prazer, conforme diz:

Olhe! Quando eu me entendi, neste gapozão ('igapó'), que fica atrás de casa, nos meses de março, abril e maio, havia muitos peixes, um deles o tambaqui, que, no tempo da seringa, era possível observar os peixes com escamas escuras-amareladas brincando quando as sementes de seringas espocavam, peque, peque [...]; ficavam se abocanhando para tomar a semente da boca dos outros! A mesma coisa ocorria com a pirapitinga: as bichas tinham o peito meio avermelhado-embranquecido; todos muito gordos; eu pescava e, quando voltava, minha mãe fazia o assado, que aquela fumaça era como um grito; as vizinhanças sabiam que está na hora da boia (Por questão particular, não será citado o nome, mas sim a letra do alfabeto – o Sr. 'H', 2022, grifo nosso).

As frases do entrevistado trazem uma história de vida apreciando e cultivando as paisagens, cuja longa vivência representa uma totalidade de como é estar presente nesses ambientes servindo-se dos recursos, mas também simultaneamente contribuindo para o equilíbrio do meio físico. Esse equilíbrio se dá quando são realizadas as atividades de pescaria e quando é realizado o cultivo de plantas cujo calendário é totalmente sazonal.

O segundo, por estar na faixa etária de 28 anos, apesar de ter acesso às tecnologias sociais e de ter concluído o Ensino Médio completo, segue com a sua relação com o meio ambiente; e nas atividades de pescaria utiliza os apetrechos para a captura de peixes, como o caniço, cuja morfologia é a de uma haste de madeira de dimensão de dois a três metros de comprimento e espessura de dois centímetros de diâmetro, com linha de três a quatro milímetros de algodão e na ponta são utilizadas das casas de árvores; a flecha de haste do bambu, coletada na Ilha de Terra Nova, é deixada em repouso ao sol por um ou dois meses; quando está bem leve, é preparada por dois instrumentos: o primeiro, chamado 'encastoadado', é um fragmento de madeira supermaciça, geralmente de 'paracuúba' (*Mora paraenses* Ducke *Caesalpiniaceae*). À peça talhada de forma pontiaguda, é encaixado o projétil, chamado *bico*, no qual é afixado um fio de dois metros de comprimento, disposto como se fosse um novelo tecido. A ponta da flecha é feita também de 'paracuuba', uma peça com formato de ípsilon de três milímetros de curvatura. O arco tem a morfologia de um fragmento de dois ou três metros, de formato esférico ou com a base plana, e as duas pontas são confeccionadas por dois apliques com formato de um interruptor para afixar a corda para dar a curvatura no arco; a zagaia tem a morfologia de uma haste de madeira com dois ou três projéteis de oito a dez centímetros de comprimento por dois milímetros de espessura. Assim, esses apetrechos são utilizados nas pescarias, cujo impacto é insignificante, mas a compensação ou a mitigação vêm quando, no período da seca, nas áreas de cultivos, são introduzidas espécies nas laterais dos roçados, como jenipapo (*Genipa americana* L), bacuri (*Platonia insignis*), abiorana (*Lucuma lasiocarpa*) etc.

As informantes do gênero feminino têm 45 e 72 anos, mulheres que, além de desenvolverem atividades de pescarias e de agricultura, são líderes comunitárias e exercem liderança na comunidade e na família. A liderança efetivada por mulheres na comunidade é eminentemente democrática, de modo que todas as decisões são deliberadas por amplas discussões, e elas afirmam: "Nada é feito sem o aval de todos; as vozes têm de seguir a música que todos entendam e gostem" (a pedido delas, não serão citados os nomes, 2022). Logo o gostar nas palavras delas são os códigos que estão presentes no comportamento ambiental, nas múltiplas funções sociais e ambientais, que são guiadas por memórias; por exemplo, quando descrevem sua ida à pescaria:

O Senhor sabe: eu tenho 72 anos, mas, antes de sair para a pescaria, deixo tudo encaixando; os caneiros deixo irrigados, retiro as porções de cebolinha, de tomate e cheiro-verde. Antes colocava a água no pote, mas agora deixo as garrafas na geladeira todas cheias; as panelas lavadas; alimento as galinhas e os porcos. Na minha canoa, tenho tudo, do peso na popa da canoa até a estopa. Caso abra goteira na canoa, faço imediatamente o reparo, que é feito para a minha segurança. Meus utensílios de pesca são o meu caniço, os meus pequenos espinhéis, né? (Por questões particulares, não será citado o nome; apenas a chamamos de Sra. 'P' - Sra., de 72 anos, 2022).

Quando vai à pescaria, fica o dia todo no lago e, à medida que captura os peixes, organiza-os no porão da canoa, fazendo a proteção do pescado com capim – tudo isso para não os estragar, pois pesca o suficiente para

a base alimentar da família. Ao retornar da pescaria, faz os monitoramentos em todos os animais e dos canteiros de hortaliças, enfim mantém o planejamento equilibrado. Desse modo, as rotinas dos gêneros, que têm o Ensino Médio completo, embora parecidas, são plurais, e mantêm o bem-estar no trabalho.

Ambos os gêneros fizeram as mesmas observações sobre a realização de atividades de agricultura e de pescaria, que provocassem impactos que não pudessem ser equacionados. A informação é a de que o modelo experimental implantado é efetivo e planejado, de forma que se devolve a recomposição das paisagens. Tudo o que foi retirado durante as atividades agrícolas é reintroduzido em conjunto entre os povos, os animais e o meio físico, operando na mesma nota musical, ou seja, são as compreensões compartilhadas do meio ambiente. Na Figura 10 traçam-se as estimativas de percentuais distributivos e devolutivos de indicadores quanto aos itens zelo pelas paisagens e níveis de escolaridades por faixas etárias.

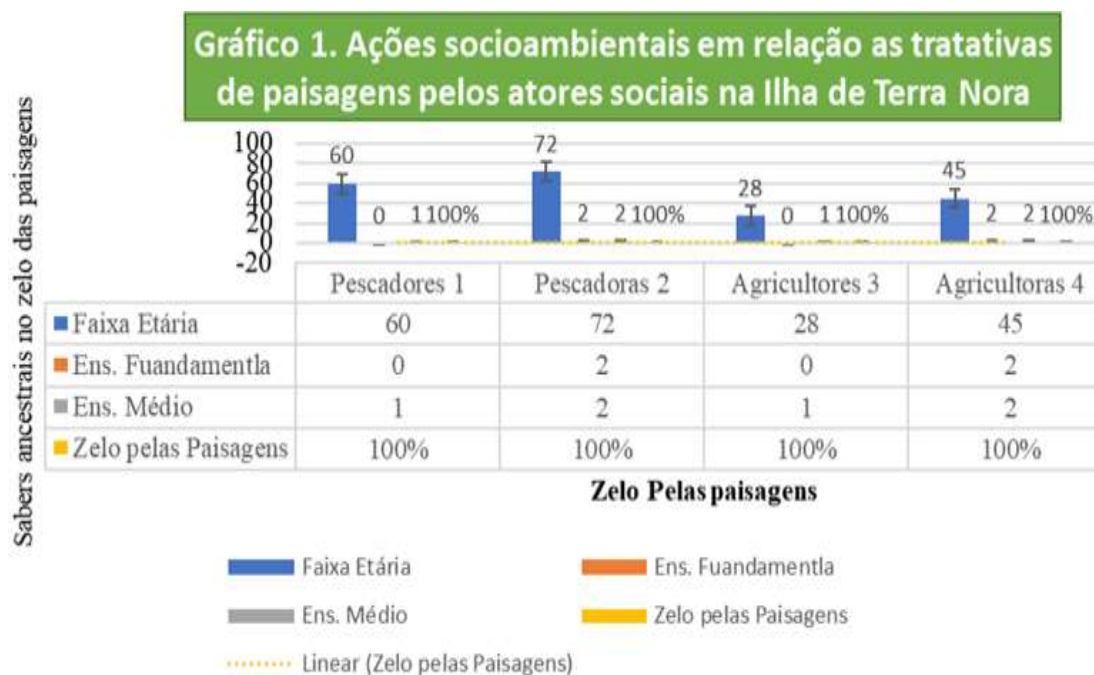


Figura 10. Ações socioambientais em relação às tratativas das paisagens pelos moradores na Ilha de Terra Nova (Dados de campo, 2022).

A interação e o saber adquiridos por experimentos pelos atores sociais da Ilha talvez se deem no sentido de manter o equilíbrio das paisagens, pois elas funcionam como uma arena semicircular, em que, à medida que a água se afasta, ou seja, no período da seca, as paisagens sinalizam o tempo de produzir alimentos a todos os seres que vivem na Ilha. Por exemplo, no período da seca, aves como as gaivotas vêm para as paisagens em busca de alimentos, principalmente para capturar camarão. Os agricultores fazem seus estoques de reservas como é o caso da farinha de mandioca. Quando a cheia chega, as paisagens exercem as funções de ambientes de pesca, além de serem apreciadas por visitantes que vão à Ilha. Nesse sentido, essas quatro características de paisagens descritas prestam serviços inesgotáveis à conservação ambiental. Para ilustrar essa dinâmica, na Figura 11 se elaborou um esquema de como as paisagens são utilizadas nas estações de sazonalidade na Ilha.

Os tempos-espacos de retrorreorganização de pescadores e de agricultores são paisagens esculpidas pela água, pela terra e pela floresta e protegidas pelos comunitários, pois os olhares são em relação aos componentes das paisagens que retiram as proteínas para a caminhada da vida não só dos comunitários, mas também dos animais que interagem na Ilha. Caso se caminhe no igapó no tempo da cheia do rio é possível encontrar com animais como os macacos, as serpentes etc., que também ficam sem utilizar o solo, assim todos ficam em um período de 'férias' e permanecem em um único espaço-lugar Tuan (2012), que se moldou para resistir ao tempo da cheia do rio Amazonas-Solimões, como já se projetou na Figura 11.

Considerações finais

Na verdade, o termo 'paisagem' pode ser convencional a partir da percepção de que se depare com quaisquer monumentos que as inspirem. Por exemplo, no livro *Paisagens do medo*, de Yi-Fu Tuan (2006), o

autor demonstra que a categoria ‘medo’ sempre existiu nos relacionamentos humanos. Na Amazônia, em áreas afastadas de centros urbanos, é comum ouvir, principalmente de pescadores, castanheiros e caçadores, as histórias de assombrações, entre as quais a de que no rio Mutuca, em noite de luar, há uma enorme barra negra trêmula que, dependendo do horário, faz arrepiar os pelos do crânio. ‘Se não estiver preparado, pode contrair uma terrível febre acompanhada de fortes frios e vozes estranhas’. Assim, as paisagens podem ser códigos que representem adjetivos que qualificam as características de cada paisagem.



Figura 11. Paisagens Identitárias em que há as Digitais dos Gêneros Humanos antigos e contemporâneos estampados na Floresta de Igapó, na Água e a Terra (Elaborada pelo autor. 2022).

Na Ilha de Terra Nova, as paisagens têm duplas funções: a primeira é que funcionam como um relógio ecológico, pois é a partir das ações dos agricultores e dos pescadores com as paisagens das estações de seca ou de cheia do rio que se determina o começo e o fim de um eixo de interação; talvez sejam esses intervalos impostos pela sazonalidade o despertador de equilíbrio e de manutenção no sentido de que as paisagens sempre estejam revitalizadas.

As características pontuadas em cada paisagem são, na verdade, elementos que foram sendo gradativamente incorporados pelas estações de seca e de cheia do rio, todavia a interação entre os povos e o ambiente foi e é uma espécie de motor que, ao longo de milênios, mesmo com as características produzidas pelas águas do Amazonas-Solimões e Negro, vem mantendo as paisagens. Desse modo, as ações dos povos na Ilha têm sido necessárias e importantes para a sua manutenção, pois a partir de manejos de espécies de árvores que são típicas de áreas de terra firme foi estabelecida a durabilidade das paisagens na Ilha.

Por fim, no tocante à pesca e à agricultura familiar, o sistema desenvolvido pelos povos nos espaços das florestas e do solo é cirurgicamente equilibrado, pois segue um calendário que é regulado pela sazonalidade e funciona conforme as observações macro e micro feitas pelos povos que ocuparam a Ilha no passado e nela estão no presente. Assim, o modelo empreendido contém ferramentas somente possíveis de serem interpretadas através de profundos diálogos entre homens e animais que interagem na Ilha de Terra Nova.

Referências

- Ab'Saber, A. N. (2003). *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo, SP: Ateliê Editora.
- Ab'Saber, A. N. (2008). *Ecossistemas do Brasil*. São Paulo, SP: Metalivro.
- Albuquerque, U. P. M., & Trindade, M. F. (2012). *Dicionário brasileiro de etnobiologia e etnoecologia*. Recife, PE: Nupeea.
- Albuquerque, U., Alves, Â., & Araújo, T. (2007). *Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil*. Recife, PE: NUPEA/UFRPE.
- Alencar, U. R. (2020). *Monguba ('PachiraAquaticaAublet'): estudo de suas frações e aplicação de suas sementes no processamento de 'chocolates'* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos da Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Arroyo-Kalin, M. (2010). A domesticação na paisagem: os solos antropogênicos e o formativo na Amazônia. In Pereira, E., & Guapindaia, V. (Org.), *Arqueologia da Amazônia* (p. 367-396). Belém, PA: MPEG, IPHAN, SECULT.
- Assis, M. (1994). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova
- Brito, A. K. R. (2022). *Etnoconhecimento de paisagens pré-colombianas e contemporâneas: uma perspectiva para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Cabalzar, A., Fonseca-Kruel, V. S., Martins, L., Milliken, W., & Nesbitt, M. (2017). *Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas*. São Paulo, SP: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.
- Freitas, F. O. (2007). O homem transformando paisagens – um enfoque em tradições culturais indígenas. In Albuquerque, U., Alves, Â., & Araújo T. (Eds.), *Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade* (p. 91-104). Recife, PE: NUPEA/UFRPE.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Gondim, N. (2007). *A invenção da Amazônia*. Manaus, AM: Editora Valer.
- Kelly, B. (2021). *Mudança climática e energia*. Recuperado de <https://dialogochino.net/pt-br/mudanca-climatica-e-energia-pt-br>
- Kelly, B. (2021a). *Mudança climática e energia*. Recuperado de <https://dialogochino.net/pt-br/mudanca-climatica-e-energia-pt-br>
- Megggers, B. J. (1987). *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Morin, E. (2010). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Neves, E. G. (2001). A velha hileia: paisagens e passado dos povos amazônicos. In Cury, M. X., *Brasil 50 mil anos, uma viagem ao passado pré-colonial* (p. 44-52). São Paulo, SP: Edusp.
- Prestes, M. (2019). Terra Preta de Índio. o legado de agricultura sustentável da Amazônia. Recuperado de <https://dialogochino.net/pt-br/mudanca-climatica-e-energia-pt-br>
- Santos, M. (2011). *O espaço da cidadania e outras reflexões*. Porto Alegre, RS: Fundação Ulysses Guimarães.
- Silva, R. M. A. (2018). *Música do beiradão nas localidades da Costa de Terra Nova e Vila do Careiro, no município do Careiro da Várzea, entre as décadas de 1960 e 1970* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus. Recuperado de <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1866>
- Stenrberg, H. O. (1998). *A água e o homem na Várzea do Careiro*. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Tocantins, L. (2000). *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Manaus, AM: Editora Valer.
- Tuan, Y-F. (2006). *Paisagens do medo*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Tuan, Y-F. (2013). *Espaço e lugar - a perspectiva da experiência*. Londrina, PR: Eduel.